Waldemar da Costa, a morte de um mestre

TEREZA FURTADO
Da sucursal de Curitiba

As artes plásticas perderam um dos seus respeitados mestres. Waldemar da Costa, paranaense, morreu aos 78 anos, no último dia 9 em Curitiba. Pintor e professor de arte, conviveu na juventude com artistas como De Chirico, Pascin, Manoel Santiago, Foujita, Portinari, Anita Malfati, Rego Monteiro, entre outros. Fundador da Família Artística Paulista, começou na pintura pelo figurativo, passou para o abstracionismo e em seguida aderiu ao geometrismo. Premiado em vários salões, expôs em vários Estados do Brasil e no Exterior. No ano de 1972, o MAM paulista realizou uma grande restrospectiva em homenagem aos seus 35 anos de magistério, nos quais formou artistas como Clóvis Graciano, Maria Leontina, Ianelli, Charoux, Fiaminghi, Ibirajara Ribeiro, entre outros. Há cinco anos trocou a agitação de São Paulo pela pacata Macaé, ao longo do litoral fluminense. Mas foi em Curitiba que passou os três últimos anos de sua vida. Waldemar da Costa estava doente, há algum tempo, no entanto, sua morte, que passou despercebida, causou consternação nos meios artísticos.

Aos 78 anos, Waldemar da Costa desaparece dos meios artísticos deixando uma obra importante na área do magistério, como um dos mestres mais conhecidos e respeitados do País. Sua obra pictórica passou por vários movimentos de arte.

Um ano depois de se fixar em Curitiba, o artista foi homenageado como cidadão honorário, título que gostava de lembrar em suas últimas entrevistas. Mas, ironicamente, ele foi sepultado, nesta mesma cidade, numa simples cova.

Waldemar da Costa tinha boas referências sobre Curitiba, quando chegou, em maio de 80, procurando um lugar para morar em Macaé, onde vivia tranqüilamente até que a agitação provocada pela Petrobrás, em busca de petróleo, forçou sua saída. Sabia, por amigos, que a cidade tinha um jeito um pouco europeu, um bom movimento cultural e a calma que o artista, aos 76 anos, desejava.

Hospedado num hotel central, com alguns contatos na cidade, Waldemar da Costa gostou muito do que viu. Costumava dizer, então, que até mesmo a penumbra peculiar de Curitiba, onde existem raros dias de sol, era agradável. Vendeu sua casa de Macaé e com Zozo, (sua mulher Zoraide Vasconcelos), instalou-se em Curitiba. Pensava em comprar uma casa, mas os preços de que dispunha eram insuficientes e não podia, pela idade, recorrer ao Sistema Financeiro de Habitação.

Um apartamento alugado no tranqüilo bairro de Vila Isabel o acolheu durante dois anos com sua coleção de obras de amigos e discípulos, sua excelente biblioteca e os amigos que, aos poucos, fez na cidade. Waldemar da Costa habituou-se rapidamente ao ritmo de Curitiba. Não perdia uma exposição, uma peça de teatro ou um bom filme, e sempre demonstrava surpresa diante da diversificada oferta de atividades culturais numa cidade relativamente pequena. Alugou um ateliê bem iluminado no centro da cidade e fazia diariamente o percurso de ônibus. Aos domingos, pela manhã, um grupo de artistas reunia-se na Galeria Acalaica, onde trabalhos e experiências eram apresentados e discutidos.

O pintor Ricardo Krieger lamenta que a morte do amigo interrompeu um dos melhores projetos que a cidade já viu. O grupo da Acalaca deveria começar agora nova experiência, de reunir numa exposição obras dos mais diversos artistas — selecionadas de coleções particulares ou do acervo pessoal dos autores e, numa noite, aproximar público e artistas para comentários e debate de cada trabalho.

Idéias como esta sempre partiam do mestre Waldemar da Costa, respeitado pelo grupo de amigos que formou aqui "como uma das mais fantásticas inteligências no mundo das artes plásticas que este país já teve", lembra o livreiro Aristides Vinholes. Para ele, o pintor fez uma escola muito pessoal ao se fixar em Curitiba. Não ficou só no anonimato, diz Vinholes, porque "era uma pessoa que se impunha não somente pelas qualidades humanas, mas também porque era um grande artista".

Um ano depois de chegar a Curitiba, fez uma retrospectiva no Museu de Arte Contemporânea, mostrando alguns trabalhos antigos e obras feitas durante seu primeiro ano na cidade. A receptividade diante de sua exposição surpreendeu-o: todos os quadros foram vendidos e o pintor, que chegou "muito devagar à cidade", como lembram seus amigos, ganhou o reconhecimento público.

Recebeu o título de cidadão honorário e não escondeu sua emoção diante do ex-aluno e amigo Lothar Charoux, que veio assistir à solenidade. O pintor, cauteloso, amenizou o discurso de agradecimento dos artistas à cidade, mas chorou comovido diante da homenagem. Ele contou depois a Ricardo Krieger que vivera anos em São Paulo sem que nenhuma homenagem como essa lhe fosse prestada. Depois da exposição, Waldemar da Costa trabalhou pouco. Chegou a montar um pequeno curso, com seis alunas, mas em maio deste ano decidiu fechar o ateliê. Não tinha mais forças para trabalhar e o aluguel de Cr$ 40 mil mensais lhe pesava.

Os amigos asseguram que Waldemar da Costa não passou, em momento algum, por privações causadas por falta de dinheiro. Além da venda dos quadros, tinha uma renda fixa proveniente da aplicação dos recursos obtidos com a venda da casa. Nos últimos meses, fez três quadros. Dois foram vendidos para colecionadores de Curitiba. O último, um retrato de Ricardo Krieger, Waldemar da Costa destruiu. Alguns amigos, como Vinholes, viram o quadro e, como sempre, teceram elogios e críticas. "Tínhamos esta liberdade", lembra o livreiro, que lamenta a destruição do último trabalho do mestre.

No final de julho, o pintor já mostrava sinais de grande debilidade física. Recebeu algumas transfusões de sangue, demonstrou rápida melhora nos primeiros dias de agosto e, no dia 9, às dez da manhã, morreu, deixando só e inconsolável a fiel companheira Zozo. Em seu enterro, feito com a simplicidade que ele sempre pediu, estavam presentes vinte pessoas apenas. Waldemar da Costa foi enterrado em cova rasa e apenas uma cruz de madeira, com um número, marca sua sepultura. Para os amigos, foi uma despedida inexplicavelmente dura da cidade que o acolhera como filho, um ano antes. Também é inexplicável que nenhuma autoridade municipal ou estadual do setor cultural estivesse presente para a última homenagem a um dos grandes mestres da pintura contemporânea brasileira. Para os amigos, "a cidade retribuiu muito mal o maravilhoso trabalho de Waldemar da Costa".

Nome integrado ao processo artístico

SHEILA LEIRNER

Há nomes que associamos imediatamente ao passado da nossa curta e pequena História da Arte. Nomes como o de Waldemar da Costa, falecido no dia 9, tem um significado sempre próximo ao próprio processo dessa arte. No caso, especialmente da parte didática e missionária desse processo.

Uma vez mais, portanto, desaparece alguém que também teve a sua cota valorosa de responsabilidade sobre as transformações e o desenvolvimento da nossa cultura. Nem que hoje as situações como a sua, de cunho inicialmente figurativo, em seguida abstrato e geométrico mas essencialmente formalista — como o são todos os exemplos da arte moderna — sejam questionadas. Nem que sejam subvertidas, radicalmente subtituídas ou mesmo apenas acrescidas pelas formas com que os novos valores nos fazem enxergar a arte, elas nunca deixarão de existir. Pois sempre constituem elementos a mais da retaguarda a se acumular a produção e ao pensamento válidos da arte do presente.

A integridade do curso de uma História sempre parece ficar abalada com golpes duros como este; quando uma personalidade participante — seja qual for a sua forma de participação — se vai. É a ilusão de uma perda que se repara felizmente com a memória e sobretudo com a presença física do seu produto ou do seu pensamento artístico. Talvez mais ainda pela parte de estrito e orientação artística que desempenhou, do que propriamente pelo lado artístico criativo de suas realizações — que tão bem puderam ser analisadas na retrospectiva que o artista realizou no MAM em 1972 — é que Waldemar da Costa teve efetivamente esta participação.

Não foi sem razão que durante essa retrospectiva, seus alunos também expuseram as próprias obras. Era, sem dúvida, na transmissão da experiência e conhecimento, que Waldemar da Costa mais evidenciou a sua personalidade. Esses alunos são unânimes em afirmar a importância e o estímulo que o mestre teve sobre o seu processo de trabalho, para o que também contribuiram a atmosfera reinante nos seus ateliês, o clima de harmonia, introspecção amizade e compreensão humana ilimitadas. Todos ressaltam também, o que é mais importante ainda, a liberdade e a autonomia que ele propiciava a cada um deles. Tanto que nenhum carregou a "marca" de algumas determinada técnica, estilo ou linguagem. Todos se destacaram individualmente, por meio de perspectivas absolutamente pessoais.

O que a lembrança de Waldemar da Costa provoca para a nossa geração hoje principalmente é uma certa nostalgia pelos valores e hábitos que se perderam, como a moralidade, a consciência do individual e do coletivo, o pensamento compartilhado, as conversas de ateliê, a orientação desinteressada etc. Valores que certamente foram essenciais na formação de seus alunos Maria Leontina, Fiaminghi, Charoux, Ianelli, Clóvis Graciano, Amélia Toledo, Ivan do Amaral Berlinck, Villanova Artigas, Miriam Chiaverini, Ubirajara Ribeiro, Naum Alves de Souza, Guyer Salles e tantos outros.

Waldemar da Costa começou em seu próprio ateliê, em seguida no Liceu de Artes e Ofícios e no ateliê da Brigadeiro Luís Antônio. Ninguém melhor do que ele para definir a sua atividade pedagógica: "Procurei sempre me convicto com meus alunos esquecer que eu era o professor. Estimulei-os a que eu tinha aprendido de outros artistas e nos museus. A personalidade do aluno (o amigo?) foi sempre respeitada, como até hoje se pode ver por suas obras. Não só o aluno leva com o contato do mestre. O mestre também participando das dúvidas, dos anseios e das realizações, está se enriquecendo de conteúdo artístico. E com toda a humildade, Waldemar da Costa confessa ainda: "Devo bastante aos meus alunos, amigos pela vivência e compreição. Por suas buscas, por suas certezas, dúvidas e suas esperanças, fugindo também da monotonia do cotidiano".

Além da herança como mestre, o artista deixa uma obra que passa por vários movimentos

"A Primeira Missa" foi pintada em Paris em 1861, sendo premiada no Salon. Esta foi a primeira vez que um artista brasileiro conseguiu um sucesso dessa natureza. Apesar de sua extensa obra, foi com essa tela que Meireles passou a ser conhecido e respeitado no Brasil

O sesquicentenário de Vitor Meireles

Das sucursais
e do serviço local

O sésquicentenário de nascimento do pintor Vitor Meireles, que aconteceu quarta-feira última, está sendo comemorado no Rio com exposições de trabalhos infantis e de artistas plásticos sobre a interpretação de sua obra realizada no Museu Nacional de Belas Artes, que possui em seu acervo a maior parte dos quadros do artista catarinense, entre as quais os famosos "Primeira Missa", "O Combate Naval do Riachuelo", "A Batalha de Guararapes". Em Santa Catarina, Estado que começa a descobrir seus artistas, a exemplo do que aconteceu ao poeta simbolista Cruz e Sousa — que deu nome a um concurso de poesia e outro de romance, cujas obras foram reeditadas pela Fundação Catarinense de Cultura —, acaba de organizar, em Florianópolis, grande retrospectiva do pintor no Museu de Arte de Santa Catarina. Para os organizadores da mostra, "esta é uma ótima oportunidade para os catarinenses conhecerem a obra de um dos seus artistas mais importantes".

Uma das exposições cariocas, que tem por título "Vitor Meireles no Acervo Nacional de Belas Artes", mostrará paralelamente o audiovisual "Vitor Meireles, seu Tempo e sua Obra", produzido pelo museu e pela Embrafilme, além do lançamento do livro de autoria da historiadora Sara Regina Silveira de Souza, da museóloga Eliza Ramos Peixoto e do arquiteto Donato Mello Júnior sobre o artista.

As duas outras mostras, organizadas pelo diretor do MNBA, Alcidio Mafra, vão homenagear o pintor através de quadros executados por vários artistas. Na primeira, que tem por título "Vilma Viu Vitor", foram selecionados desenhos de crianças e a idéia dessa exposição surgiu após Mafra ser surpreendido por uma menina, que ipora num subúrbio carioca, que pretendia conhecer os trabalhos do artista.

Para a outra mostra, foram escolhidos trabalhos de 12 artistas, de diferentes Estados brasileiros, que participaram de um concurso com o tema "Visão Ingênua da Primeira Missa". As mostras ficarão em cartaz até o próximo dia cinco de setembro, e após essa data os quadros do pintor que fazem parte do MNBA voltam aos seus respectivos locais, onde permanecem em exposição permanente.

Com um número reduzido de telas, o Museu de Arte de Santa Catarina montou uma mostra mais modesta do que a carioca, mas para os seus organizadores "trata-se de uma iniciativa extremamente importante". São ao todo 27 quadros que, embora não permitam uma avaliação muito ampla sobre a importância do pintor, "não deixam de ser uma oportunidade positiva para que o trabalho de um dos artistas mais importantes do Estado seja finalmente conhecido pelos seus conterrâneos".

Na realidade Vitor Meireles tem poucas obras de sua autoria no seu Estado natal. As mais importantes estão divididas entre o Museu de Belas Artes do Rio e o Museu Histórico Nacional. Em Florianópolis, na "Casa de Vitor Meireles", na rua do mesmo nome, no centro da cidade, e onde ele nasceu, estão os esboços da "Batalha dos Guararapes". Além dessa obra, três entidades religiosas de Santa Catarina possuem quadros do pintor; a matriz de Laguna, a Igreja de São Francisco e o Hospital de Caridade, todas em Florianópolis.

Para o artista plástico Martinho de Haro — que como Vitor Meireles também ganhou o prêmio de viagem à Europa — "A Primeira Missa" não é a obra mais importante do pintor. Ele destaca "A Batalha de Guararapes", juntamente com os quadros de paisagens do Rio de Janeiro, por considerá-los a síntese da evolução plástica do pintor. Na verdade, o fato de Meireles ter vivido parte de sua vida na Europa — "A Primeira Missa" foi pintada em Paris, em 1861, com a qual ganhou a medalha de Ouro no Salão de Paris, mas como isso aconteceu numa época de grande criatividade e inovações na pintura, em especial com as obras de Cézane e Renoir sucitou críticas ao seu estilo acadêmico. No entanto, para José Silveira D'Avila, artista plástico e diretor do Museu de Artes de Santa Catarina, Vitor Meireles trouxe contribuições incontestáveis, observando que "A Primeira Missa" apresenta alta criatividade plástica.

Há ainda quem considere Vitor Meireles um fotógrafo de sua época. Foi através de seus esboços e desenhos que ficaram conhecidos os comportamentos e os costumes de um momento da sociedade. Por causa da contribuição de artista preocupado com os acontecimentos políticos-sociais que ficaram registrados para sempre os grandes momentos da "Batalha do Riachuelo" ou da "Passagem de Humaitá". Ele executou estas obras nos locais das batalhas, em plena luta, onde o artista se aventurou a convite do ministro da Marinha da época, Afonso Celso. Os catarinenses lamentam o fato de não possuírem essas obras, que se encontram no Rio de Janeiro.

Paralelamente, à exposição, que ficará em cartaz até o final do mês, o governo do Estado, através de diversos órgãos, como a Fundação Catarinense de Cultura, está promovendo uma série de eventos, como palestras e debates sobre a vida e obra do pintor.

Vitor Meireles nasceu em Florianópolis e desde menino já havia escolhido o ofício de pintor. Seu primeiro mestre foi o engenheiro argentino, emigrado no Brasil, Mariano Moreno. Com o apoio do Conselheiro do Império, Joaquim Francisco Coelho, ingressou na Academia Imperial de Belas Artes, em maio de 1847, sem que ainda tivesse completado 15 anos. Para sobreviver, enquanto estudava, executava retratos em pergaminho, muito procurados na época. Seu sucesso não foi fruto do acaso, mas do empenho e do esforço que o jovem Meireles sempre demonstrou.

Com a tela "São João Batista no Cárceres, ganhou, em 1852, o prêmio de viagem à Europa, que começou a cumprir no ano seguinte. Sempre bom aluno, seu estágio foi prorrogado por três vezes. Assim, o artista permaneceu por nove anos na capital francesa. Essa concessão foi conseguida por seu ritmo intenso de trabalho e a habilidade de divulgar sua produção junto ao governo. Nesta época, enviou ao Rio 119 trabalhos, entre cópias, esboços de quadros célebres e vários estudos.

Apesar da sua extensa produção, foi reconhecido somente depois da "Primeira Missa", obra muito elogiada na Europa. Tratava-se da primeira vez que um artista brasileiro conseguia tal destaque. Professor da Academia Imperial e do Liceu de Artes e Ofícios, foram seus alunos alguns dos mais importantes artistas brasileiros: Oscar Pereira da Silva, Belmiro de Almeida, Antonio Parreiras e Visconti. Avesso às festas populares, Vitor Meireles morreu durante o carnaval de 1903.